



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 14, v. 2

nov.2020-abr.2021

p. 79-102

# “Contra a maré”: um olhar para os modos de ser homem gay

(*“Against the tide”: a view at the ways of being a gay man*)

(*“Contra la marea”: una mirada a los modos de ser hombre gay*)

Enny Ewerton Ferreira Santos<sup>1</sup>

Suely Emilia de Barros Santos<sup>2</sup>

Jailton Bezerra Melo<sup>3</sup>

João Ricard Pereira da Silva<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este trabalho teve como objetivo compreender o sentido de ser homem, sendo gay. Utilizando uma metodologia qualitativa e documental numa perspectiva fenomenológica existencial ao modo de Heidegger, foram analisadas, à luz da analítica do sentido, transcrições de narrativas de seis homens gays cisgênero, disponíveis no filme Bichas, o documentário. A partir da análise das narrativas, e em diálogo com a literatura acadêmica sobre masculinidades, foi possível refletir acerca da experiência dos narradores como homens gays, revelando um sentido: ser homem gay mostrou-se como um modo de ser-com-outros acompanhado de sofrimento e de resistência. Diante desse desvelamento, levantamos, também, alguns questionamentos e reflexões a respeito do compromisso ético-político da psicologia para a compreensão e acompanhamento dos fenômenos que emergem relacionados à comunidade LGBTI e a práxis profissional do psicólogo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Masculinidades. Homens gays. Psicologia clínica.

1 Psicólogo. Especialista em Psicologia Clínica pelo Centro Universitário UniFavip. Graduação em Psicologia pela Universidade de Pernambuco. E-mail: ennyewerton@outlook.com.

2 Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Professora Adjunta da Universidade de Pernambuco (UPE/Campus Garanhuns). Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Psicologia Práticas e Inovação em Saúde Mental (PRISMAL), e do Programa de Pós-Graduação Saúde e Desenvolvimento Socioambiental (PPGSDS/UPE). Coordena o grupo de pesquisa – LACS – Laboratório de Estudos em Ação Clínica e Saúde – UPE/CNPq. Coordena a Residência Multiprofissional em Saúde Mental e o Serviço de Atenção Psicológica – SAP/UPE. Membro do GT – Prática Psicológica em Instituições: atenção, desconstrução e invenção da ANPEPP. E-mail: suely.emilia@upe.br.

3 Doutor em Ciências (Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) pela Universidade de São Paulo. Professor Conferencista na Especialização em Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Pesquisador/psicólogo no Projeto “PrEP1519”, do Ministério da Saúde. Membro do GT – Prática Psicológica em Instituições: atenção, desconstrução e invenção da ANPEPP. E-mail: melo.jailtonb@gmail.com.

4 Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco; Mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco. Especialista em Psicomotricidade Relacional pelo Ícone Desenvolvimento Psicomotor; Graduação em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda. Atualmente é professor adjunto da Universidade de Pernambuco e professor do Programa de Mestrado Profissional em Psicologia, Práticas e Inovação em Saúde Mental da Universidade de Pernambuco. E-mail:joaoricard@yahoo.com.br.



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 25/05/2019

Aceito em 05/03/2020

**Abstract:** Our paper seeks to understand the meaning of being a gay man. Using a qualitative and documentary research, in an existential phenomenological approach based on Heidegger, six cisgender gay men’s narratives transcriptions shown in the movie *Bichas*, o documentário were analyzed, in light of Analytical Sense. From the analysis of the narratives, and in dialogue with the academic literature on masculinities, we could reflect upon the narrators experience as gay men, revealing a meaning: being a gay man proved to be a way of being accompanied by suffering and resistance. According to this unveiling, we also raise some thoughts and questions about the duty of Psychology in an ethical-political dimension, in the understanding and accompaniment of the phenomena emerging from LGBTI community and psychologist praxis.

**Keywords:** Masculinities. Gay men. Clinical psychology.

**Resumen:** Este trabajo tuvo como objetivo comprender el sentido de ser hombre siendo gay. Utilizando una metodología cualitativa y documental bajo la perspectiva fenomenológica existencial al modo de Heidegger, se analizaron, a la luz de la analítica del sentido, transcripciones de narrativas de seis hombres gays cisgéneros, disponibles en la película *Bichas*, o documentário. A partir del análisis de las narrativas, y en diálogo con la literatura académica sobre masculinidades, fue posible pensar sobre la experiencia de los narradores como hombres gays, revelando un sentido: ser hombre gay se mostró como un modo de ser-con-otros, acompañado de sufrimiento y resistencia. Ante este desvelamiento, se plantea también algunos cuestionamientos y reflexiones acerca del compromiso ético-político de la Psicología para comprender y acompañar los fenómenos que emergen relacionados con la comunidad LGBTI y la praxis profesional del psicólogo.

**Palabras clave:** Masculinidades. Hombres gays. Psicología clínica.



## 1. Apresentação: nascer e crescer sendo homem

Na infância, é comum que crianças sejam alvo de expectativas da família, que agem em direção a cobrar e reprimir certos comportamentos atrelados à construção da masculinidade. A infância de garotos é, em sua maioria, marcada pelas brincadeiras de rua, futebol e outros jogos que reverberam ‘agressividade’ nas regras e atitudes. No entanto, esta realidade não assume, propriamente, uma atitude específica para o ‘ser menino’, mas, por outro lado, indica uma norma em certos grupos e, evidentemente, na experiência de ser homem, ser másculo.

É comum que meninos escutem frases como “meninos não choram”, “homem não brinca de boneca”, “homem é forte”, “menino que fica muito em casa, vira gay”. Na infância, não se entende bem o que tudo isso significa, mas pela reação dos familiares e do mundo adulto, ‘virar gay’ não soa como algo bom. Essa frase indica que tanto esse modo mais ‘solitário’ quanto brincadeiras menos ‘agressivas’ consideradas ‘delicadas’, afastando garotos do cotidiano do ‘ser menino’. Logo, a participação nestas atividades é uma forma de prevenir que meninos ‘virem’ gays. Essa confabulação em torno da cobrança de padrões masculinos na infância acaba sucumbindo também a experiência da adolescência de garotos.

Na internet, os diversos modos de ser homem entram em discussão, principalmente em comunidades on-line voltadas a LGBTI. Nelas, é comum a ironização do modelo de homem heterossexual que é ensinado desde o nascimento do ‘macho’. A ironização se dá a partir de uma aparente fragilidade do homem que se enquadra nesse modelo, que parece necessitar, a todo momento, evidenciar atitudes consideradas masculinas – reafirmando que são homens ‘de verdade’, que não podem aparentar traços vinculados, culturalmente, ao feminino. Nessa lógica, a homossexualidade parece ser vista não somente como uma orientação sexual: é uma forma de agir, de falar, de gesticular e de se comportar de maneira semelhante ao que foi atribuído às mulheres, o ‘feminino’. Talvez o que incomoda a massa ‘normativa’ não é necessariamente o fato de um homem se sentir atraído por outro homem, e sim o fato de que, talvez, esse homem não aja ‘feito homem’. O problema é que ele venha a ser uma ‘bicha’<sup>5</sup>.

A ‘bicha’ – termo frequentemente utilizado para caracterizar o ‘gay afeminado’ – é comumente colocada em um lugar diferente do homem *gay* que age de forma ‘mais masculina’, inclusive dentro da própria comunidade LGBTI. O fato de haver essa diferenciação já aponta para uma forma estigmatizada de olhar esses dois ‘tipos de gays’, tanto fora quanto dentro da comunidade LGBTI.

---

<sup>5</sup> Utilizamos o termo “bicha” entre aspas, por ser tomado como uma gíria no contexto social, geralmente pejorativa.



A ‘bicha’ é constantemente motivo de chacota no cotidiano: basta observar personagens homossexuais em programas de humor na TV – a piada geralmente não está na fala, mas na representação de um homem com trejeitos ‘femininos’. A piada é a própria existência da ‘bicha’. Não somente em programas de humor, mas em qualquer tipo de conteúdo produzido e transmitido na mídia, o que identifica que o homem gay é, sem dúvida, uma figura caricata da ‘bicha’. E como toda figura caricata, a intenção é causar riso.

Então, se em nossa sociedade ser gay parece ir além de uma orientação sexual (pois revela, também, um modo de ser que vai de encontro ao modelo ‘ideal’ de masculinidade), delineamos como objetivo geral da pesquisa realizada: compreender o sentido de ser homem, sendo gay. Para isso, inicialmente serão propostas reflexões, a partir da literatura acadêmica, sobre as masculinidades. Buscamos, também, analisar como se mostra o sentido de ser homem a partir de narrativas de homens gays mostradas no documentário *Bichas* (2016), que foi dirigido e produzido por Marlon Parente. Por fim, nos propusemos a refletir sobre como a psicologia pode contribuir, numa dimensão ético-política, para a compreensão de ser homem gay.

A relevância deste trabalho está no sentido de contribuir para o debate a respeito das questões de gênero e sexualidades, e mais especificamente na questão das masculinidades, com um recorte da homossexualidade. Essa discussão procura contribuir para que profissionais de psicologia (e de outras ciências afins) possam dialogar sobre possíveis compreensões do homem gay em suas singularidades, questionando a aparente naturalização das questões de gênero em relação ao sexo biológico e orientação sexual de uma pessoa. Além disso, buscamos contribuir para fortalecer a visibilidade e resistência do movimento LGBTI.

## 2. Metodologia: caminho para uma compreensão

Este trabalho buscou compreender o sentido de ser homem, sendo gay. Como direção para essa compreensão, utilizamos um viés de pesquisa qualitativa e documental, numa perspectiva fenomenológica existencial ao modo de Heidegger para analisar narrativas disseminadas no documentário *Bichas* (2016).

A pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. (MINAYO, 2012, p. 21) Assim, essa escolha metodológica se torna apropriada à presente pesquisa, que também se faz documental. Assim, “O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres. [...] são utilizados como fontes de informações, indicações e



esclarecimentos [...] para elucidar determinadas questões. (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 5)

Como forma de olhar para os fenômenos, utilizamos a lente da fenomenologia existencial ao modo de Heidegger, que questiona a perspectiva metafísica como único modo de se buscar a verdade, assumindo um caráter que visa a compreensão de fenômenos mutáveis em seu acontecimento. Por esse olhar, qualquer fenômeno que se mostre já é compreendido como real, não necessitando comprovar essa realidade. (CRITELLI, 2007)

Para Silva e Santos (2017, p. 121), nas pesquisas que têm uma demarcação oriunda da perspectiva fenomenológica existencial “cabe ao pesquisador não somente reproduzir a narrativa dos colaboradores nem o conhecimento teórico da literatura pesquisada, mas ampliar o seu próprio horizonte para que possa interpenetrar o outro e por ele ser interpenetrado”.

Assim, o trabalho do pesquisador, nessa perspectiva, é “buscar compreender um fenômeno interrogado desvelando-o e, para isso, fazendo uso da interpretação” (BRUNS; TRINDADE, 2005, p. 68), sendo essa uma interpretação hermenêutica. Segundo Feijoo (2015, p. 138), “filosofia hermenêutica, portanto, não significa interpretar a partir de referenciais externos, sejam teóricos, ou do vulgo, mas sim trazer mensagem e notícia da coisa em si mesma”.

Seguindo essa direção, passamos a compreender que a tentativa da fenomenologia, enquanto método, é buscar “o que se mostra, o se-mostrante, o manifesto... isto é, aquilo em que algo pode se tornar manifesto, podendo ficar visível em si mesmo”. (HEIDEGGER, 2012, p. 103) Tal manifestação está interligada ao mundo empírico, pois é via *experiência* que, para Heidegger, passa-se a direcionar uma *compreensão para o sentido daquilo que se manifesta* na implicação do/a pesquisador com o seu ‘objeto’ a ser interrogado.

A interpretação acontece, então, a partir de um movimento de compreensão, não sendo calcada numa tentativa de neutralidade por parte do pesquisador, uma vez que, ao interpretar algo, o pesquisador está implicado. (BRUNS; TRINDADE, 2005) Aqui demarca-se uma dificuldade central das ciências sociais e humanas a se equipararem aos paradigmas científicos modernos que, ao terem objetos de investigação que fazem parte da vida empírica, apresentam uma totalidade como produto, enfatizando a universalização de um fenômeno. Entretanto, para a fenomenologia hermenêutica heideggeriana, é o sentido da questão que possibilita o testemunho e a autenticação de uma realidade vivida-no-mundo e existencialmente implicada, não sendo possível ‘saturar’ um resultado de pesquisa.

Por se encontrar implicado naquilo que estuda, surge a questão-bússola da pesquisa, que segundo Cabral e Morato (2013, p. 161), norteia o trabalho “indicando caminhos possíveis para levar a investigação adiante”. Assim, pela via da inquietação dos pesquisadores, surge a questão-



bússola: “qual o sentido de ser homem, para homens gays?”, a qual norteou os caminhos da presente pesquisa.

Como procedimento de compreensão do sentido, utilizamos transcrições de narrativas de homens gays, apresentadas no filme *Bichas, o documentário* (2016). O documentário, disponibilizado na internet, apresenta depoimentos de seis homens gays cisgênero, ou seja, que se identificam com o gênero que foi determinado no nascimento (JESUS, 2012), neste caso, o masculino. Esses homens, com idades entre 19 e 26 anos, e residentes na região metropolitana do Recife/PE, falam sobre como é, para eles, serem reconhecidos e se reconhecerem como ‘bichas’. Esta pesquisa se resguardou na Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, Art 1, parágrafo único, item III, que diz que: “Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP [...] pesquisa que utilize informações de domínio público [...]”. (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2016, p. 2)

A utilização das narrativas, como Benjamin (2012) compreende, permite que o pesquisador se aproxime da experiência vivida pelo narrador, que busca contar sobre o modo como é tocado pela experiência, em vez de informar fatos. Benjamin (2012, p. 205) entende que a narrativa é “uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”.

A narrativa tem a possibilidade de afetar quem a escuta, que irá imprimir sua própria marca naquele depoimento ouvido. Isso proporciona ao pesquisador a oportunidade de escutar e transformar a experiência de acordo com sua interpretação (DUTRA, 2002), o que torna a ‘neutralidade científica’ algo impensável para a realização desse trabalho.

Por fim, para a análise das narrativas, utilizamos a ‘analítica do sentido’, proposta por Critelli (2007). Esse método se dá através de um ‘movimento de realização do real’ (desvelamento, revelação, testemunho, veracização e autenticação), o qual visa testemunhar um sentido desvelado em narrativa.

### 3. Aprendendo a ser homem: pensando masculinidade(s)

Para compreender o que chamamos de ser homem, faz-se necessário percorrer alguns caminhos que poderão apontar modos como o homem é visto em nossa cultura. Bustos (2003, p. 68) afirma que os padrões de comportamento entre os ideais masculinos e femininos “não são de ordem biológica, mas sim de ordem cultural”, como os vários estímulos que os bebês recebem desde o nascimento, seja em relação aos objetos e tipos de brincadeiras que são oferecidos a eles,



quanto ao tipo de relação que é estabelecida junto aos cuidadores: “[...] terrível, sem-vergonha ou levado estão entre os [...] adjetivos com que se educa os meninos para exercerem o papel esperado. [...] O primeiro presente para um macho costuma ser uma bola de futebol. O da menina, uma boneca”. (BUSTOS, 2003, p. 68)

O modo de ser homem é, então, atravessado por valores e modelos sociais de um ideal de masculinidade, termo que passou a ser utilizado no século XVII durante o período de esforços científicos para diferenciar os sexos, que ainda eram apenas vistos pela biologia, porém indicados já por uma outra perspectiva que entendia a masculinidade já como um dos elementos que constituem importância no campo da sexualidade. (OLIVEIRA, 2004) Nessa direção, Gomes (2008, p. 70) entende masculinidade como “[...] espaço simbólico que serve para estruturar a identidade de ser homem, modelando atitudes, comportamentos e emoções a serem adotados. [...] Representa um conjunto de valores, funções e condutas que se espera que um homem tenha em uma determinada cultura”.

Em nossa sociedade, para iniciar o processo de legitimação do ‘ser homem’, Welzer-Lang (2001, p. 476) aponta que é bastante comum e incentivado que os meninos comecem um processo que ele chama de homosociabilidade, definida como “relações sociais entre as pessoas do mesmo sexo”. Seria nessas relações que os meninos aprenderiam ‘a saber’ ser homem. O autor chama de “casa dos homens” os espaços onde essas relações se propõem a acontecer: “[...] um lugar onde a homosociabilidade pode ser vivida e experimentada em grupos de pares. Nesses grupos, os mais velhos, aqueles que já foram iniciados por outros, mostram, corrigem e modelizam os que buscam o acesso à virilidade”. (WELZER-LANG, 2001, p. 462)

O lugar da “casa dos homens”, então, é reconhecido como um lugar onde os meninos mais novos podem aprender com os mais velhos o jeito ‘correto’ de agir como homem. Ou seja, agir de forma a se distinguir de uma mulher, combatendo e evitando aspectos que poderiam ser associados ao entendido como feminino, caso contrário, o homem está “sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal”. (WELZER-LANG, 2001, p. 465)

Para Gomes (2008, p. 78), os homens também se constituem através de uma construção primordialmente homosocial, vivendo “constantemente num processo de autoaprovação e aprovação de outros homens”, sendo essas relações de imitação e aprendizado do masculino. Essa aprendizagem, segundo Welzer-Lang (2001), se faz através do sofrimento por não conseguir fazer o que precisam fazer tão bem quanto os outros, e por precisarem se submeter a atividades dolorosas. O autor também faz cita que o menino que se inicia nesse processo deve aprender a aceitar o sofrimento. Assim, a violência se inscreve como um dos marcadores de





masculinidade, estando muito associada a uma forma de criar e manter relações de poder sobre outros homens, começando, inclusive, entre o próprio grupo.

Welzer-Lang (2001, p. 464) convida a refletir sobre como a violência é influente no processo de socialização e no aprendizado do ser homem: “[...] socos, pontapés, empurrões. [...] As ofensas, o roubo, a ameaça, a gozação, o controle, a pressão psicológica para que o pequeno homem obedeça e ceda às injunções e aos desejos dos outros...”.

A violência, que se manifesta tanto de forma física quanto moral, pode indicar uma demarcação de posição de superioridade em relação a outros homens. Também pode servir como uma forma de se proteger, de sofrer novas agressões: quem agride passa a ser temido, logo, é menos provável que vá sofrer. A força física também é indicativa da forma que os homens têm de ter proximidade física com outros homens. Bustos (2003, p. 83) diz que buscar contatos corporais com outros homens “não é próprio de machos. E, para dissimular o desejo, aproximam-se golpeando-se, simulando abraços com palmadas que endossam a condição de homens”. Isso pode apontar para uma necessidade que os homens têm de manter-se num modo de ser que, a todo momento, evidencia características ‘masculinas’ reveladas por comportamentos ou ações agressivas entre o próprio grupo.

Nos mais diversos espaços de sociabilidade, a virilidade também se situa como algo bastante associado à masculinidade. Machado (1998, p. 236) ressalta que a virilidade diz respeito principalmente a uma “disponibilidade total para a realização da atividade sexual. Virilidade está associada ao lugar simbólico do masculino como lugar da iniciativa sexual”, o que permite pensar o lugar da sexualidade no se tornar homem. Nessa direção, Bustos (2003) e Gomes (2008) ressaltam como a masculinidade também está fortemente relacionada ao desempenho sexual. Este geralmente está configurado de forma oposta ao que se espera para as mulheres, isto é, o homem ideal não deve ser visto como afeminado ou com características femininas, além de estar sempre pronto para atividade sexual. Bustos (2003) ainda evidencia que, na vivência com outros homens, a masculinidade também é definida e construída através de comparação com outros homens, na qual os machos também se reconhecem como tal.

Na vivência do ser masculino convive uma pluralidade de sentido, ou seja, há diversos modos de ser homem. Sendo assim, é mais coerente falar em masculinidades, “de modo que não há apenas um homem, mas um homem negro ou branco ou um homem gay ou subsumido pela heterossexualidade compulsória”. (PINHO, 2005, p. 139) Essa compreensão nos remete à discussão anterior, referente à posição de poder conferida ao homem, que não é característica, somente, na relação entre homem-mulher, mas também nas relações entre homens.





Para tentar compreender melhor essa relação entre homens, recorremos ao olhar de autores sobre a ideia de masculinidade hegemônica, que revelam a pluralidade das masculinidades e da hierarquia entre elas. Nessa vertente, Gomes (2008) chama a atenção de que convivem no masculino diversos modos de ser homem, sendo que alguns são mais valorizados em detrimento de outros, daí o termo ‘masculinidade hegemônica’, a qual é vista “[...] como um modelo central, o que implica considerar outros estilos como inadequados ou inferiores” (CECCHETTO, 2004, p. 63); ou seja, parece haver uma forma de ser homem evidenciada e resguardada como ‘exemplar’ e que deve ser utilizada como modelo. Fernandes (2013, p. 1) aponta que cada contexto cultural e época idealizam e elegem o que deve ser considerado como masculino, e que isso serve de guia para as vivências individuais e coletivas. Sendo assim, os aspectos constitutivos do ideal de masculinidade “conferem aos agentes homens que os possuem uma posição social hegemônica em relação a outros que não compartilham dessa masculinidade hegemônica, tais como as mulheres e os gays”.

Por esse olhar, os homens gays ocupam uma posição ‘inferior’ à do homem heterossexual. Porém, para que um homem possa ser considerado dentro do modelo hegemônico, são levadas em consideração “características como a força, o poder sobre os mais fracos [...] a coragem, a atividade [...] a potência, a resistência, a invulnerabilidade, entre outras qualidades consideradas positivas”. (GOMES, 2008, p. 77)

Mesmo que exista flexibilização nas diversas formas de ser homem, essas se situam numa hierarquia de relações de poder, que se manifesta na dominação em relação à mulher e a outros homens, situado como um dos pontos centrais da masculinidade hegemônica, “como se fosse um atributo do ser masculino”. (GOMES, 2008, p. 76) Além da dominação, outro aspecto preponderante na masculinidade hegemônica é a heterossexualidade compulsória, sendo que, mesmo dentro da heteronormatividade, alguns homens também são excluídos da legitimidade do masculino conforme a posição que ocupam na estrutura social e econômica. Assim, é mais provável que os homens que estejam em posições hegemônicas encontrem-se em situações de sucesso profissional, tenham características agressivas, sejam heterossexuais, sexualmente ativos (tanto no que diz respeito à frequência da atividade sexual, quanto no sentido de ser o que penetra o corpo da/o outra/o), e que vivenciem as relações de patriarcado em seu convívio familiar. (CECCHETTO, 2004; GOMES, 2008; GROSSI, 2004)

Apesar de o estereótipo da masculinidade hegemônica vir sendo criticado, tanto pelo movimento feminista desde a década de 1970, quanto pelo movimento gay desde os anos 1980 (GOMES, 2008), é interessante destacar que “apesar de todas as mudanças socioestruturais e todos os movimentos que continuamente contestam a hegemonia masculina, esse lugar simbólico



ainda é bastante valorizado e funciona como bússola de orientação para a construção de identidades em diversos segmentos sociais”. (OLIVEIRA, 2004, p. 285) Assim, é possível também refletir a respeito da importância que esse lugar assume e sobre como o reconhecimento do ‘ser homem’ está intimamente ligado a uma validação cultural e social. É no convívio com outros que se constitui e se reconhece os modos de ser. (OLIVEIRA, 2004)

#### 4. Compreendendo os modos de ser homem: um diálogo com as ‘bichas’

Após apresentar essas contribuições da literatura acadêmica a respeito de ser homem e, mais especificamente, sobre a questão das masculinidades, é o momento de analisar as narrativas documentais da pesquisa. Os recortes aqui apresentados, estão disponíveis no filme *Bichas, o Documentário* (2016), dirigido e produzido por Marlon Parente. O documentário apresenta narrativas de seis homens gays da região metropolitana do Recife/PE, que contam sobre suas experiências enquanto ‘bichas’. A partir das transcrições desses depoimentos, buscamos compreender o sentido que os participantes da pesquisa dão ao ‘ser homem gay’, caminhando, assim, na direção proposta pelo objetivo deste trabalho.

##### 4.1 Crescendo sendo menino

Inicialmente, nos chamam a atenção as histórias que os participantes contam sobre suas infâncias. É logo a partir do nascimento que a criança é apresentada a modos ‘corretos’ de ser e agir, e muitos desses modos estão ligados somente a questão de nascer, biologicamente, homem ou mulher – macho ou fêmea. Sendo assim, na primeira parte dessa análise a discussão será sobre o ‘crescer sendo menino’.

A primeira coisa acerca desse fenômeno delibera a cobrança de um ‘jeito certo’ para o menino agir. A família, geralmente, por ser o primeiro contexto de socialização da criança, é o lugar onde o menino começa a compreender o cotidiano, tanto por meio da linguagem quanto através de costumes, que são apresentados e impostos pelos familiares. (SILVA et al., 2015) Muitas vezes, então, esse acaba sendo o primeiro contexto em que sinais que fujam desse ideal de homem ou sinais de feminilidade são ‘repreendidos’.

Isso fica bastante evidente na narrativa documental, quando um dos participantes revela a sua mãe, aos 16 anos, que era ‘bicha’. Lembrando de sua infância, fala de uma preocupação de sua mãe em mudar o seu jeito de ser, decidindo levá-lo para psicoterapia:

[...] ela queria me proteger, me esconder. E quando eu tinha uns 8 anos, aí eu entrei numa terapia por conta do meu comportamento. [...] E aí eu comecei a



ser treinado pra agir diferente. Na verdade, eu comecei a ser ensinado que tudo que eu fazia tava (sic) errado. As coisas que eu brincava, as pessoas com quem eu brincava... o jeito que eu falava, o jeito que eu andava. [...] E eu lembro muito disso que parece uma besteira quando você fala assim fora do contexto, mas era uma coisa que tipo, que me marcou muito. E eu não conseguia e não me sentia bem fazendo as coisas que ela queria que eu fizesse. [...] Durou mais ou menos um ano, essa terapia. E aí eu comecei a me comportar do jeito que ela queria. E isso não acabava quando eu saía da sala de terapia porque ela tinha criado uns sinais com a minha mãe e com meu irmão. Então, se eu me comportasse de uma maneira errada, em público, a minha mãe e meu irmão tinham que me corrigir. [...] E aí começou aquela perseguição na minha cabeça. Sobre todo o meu comportamento, sobre a minha personalidade, sobre tudo! (BICHAS..., 2016)

A narrativa expressa uma preocupação da família e uma tentativa da psicoterapeuta em modificar a forma de agir, e se mostrar no mundo-com-outros (seja através do jeito de falar, brincar, andar, escrever etc.). Não há no depoimento uma ‘suspeita’ deles em relação a ser ou não gay, mas sim de agir de forma a não parecer ‘homem’. A mobilização da mãe ao levar para uma psicóloga, permite-nos pensar que essa família, possivelmente, estava em sofrimento, revelado pela procura profissional como ajuda. Nos questionamos, então, sobre o papel, ou melhor, a atitude do profissional de psicologia diante de pedidos como esse, expresso pela família. A partir da narrativa é notável como a experiência de estar em psicoterapia foi significativa na história, o ‘marcou muito’, em suas palavras. Mas não pareceu que essa intervenção estava atenta ao narrador em seu modo de ser, e sim a adequá-lo ao padrão heteronormativo do que é ser homem. Ou seja, ‘curá-lo’, ‘transformá-lo’, ‘fazer dele o esperado’. Sem dúvida, esse olhar distancia-se da ação clínica do psicólogo como uma atitude de inclinar-se ao outro, numa ação pré-ocupada de cuidado. (BARRETO, 2013) Para melhor elucidar essa ação pré-ocupada de cuidado, Santos (2016, p. 143) destaca que Heidegger “refere-se a dois modos do cuidado se mostrar: na forma de ocupar-se com os entes que estão ao alcance de suas mãos, e na forma de pré-ocupação ou de uma atitude de solicitude para com os outros”. Retomando a narrativa acima citada, podemos ver os modos de ocupação nas atitudes da psicóloga e/ou dos familiares: “E eu não conseguia e não me sentia bem fazendo as coisas que ela queria que eu fizesse. [...] se eu me comportasse de uma maneira errada em público, a minha mãe e meu irmão tinham que me corrigir. [...]” (BICHAS..., 2016), ou seja, os outros diziam o que o participante



tinha que fazer. Na ação pré-ocupada, diferentemente, o outro compreende sua atitude e assume a responsabilidade de cuidar de si com outros.

A preocupação da família em relação ao ‘não agir como homem’ também é mostrada em outra narrativa, sobre como os pais tentavam ‘moldar’ o jeito de ser:

Os meus pais têm uma reluta pra aceitar o meu jeito e a minha sexualidade, desde criança. Se eu pegava uma camisa rosa, aí eles diziam: ‘Não. Essa não fica muito bem em tu. Tenta a azul’. E um jeito que meu pai me repreendia muito, sem necessariamente expor ‘tu tá sendo muito bicha’, era puxando meu cabelo! (BICHAS..., 2016)

Ao narrar que seu pai repreendia seu modo de ser ‘bicha’, parece haver algo não dito verbalmente em relação ao sentido que tem o ‘ser bicha’. Hermeneuticamente falando, alinha-se a isso uma visão amparada por uma perspectiva metafísica, que divide corpos, gêneros e orientações sexuais como campos de força que não comungam com o ‘esperado’ socialmente. Para Melo (2019, p. 120),

fenomenologicamente, não teria como compreender homem/mulher senão via experiência de ser homem e ser mulher. Compreender o gênero a partir de pressupostos conceituais-positivistas voltados para diagramação de uma vivência seria não se atentar ao próprio *pro-jecto* de ser homem e ser mulher.

Nesse sentido, passa-se a compreender que ‘modos de ser’, no pensamento heideggeriano, aproxima de uma condição fundada pela implicação do humano-no-mundo com outros, constituindo uma perspectiva afinada à experiência singular e coletiva. Assim, o sentido para o termo ‘bicha’, muitas vezes, aparece apontado através da agressão, quando o pai de um dos participantes do documentário puxava seu cabelo. A violência, como já discutido anteriormente, é mencionada por alguns autores (BUSTOS, 2003; WELZER-LANG, 2001) como uma característica que evidencia a masculinidade.

A tentativa de transmitir a ‘forma correta de ser homem’ mostra-se de maneira direta, quando se tenta ensinar modos de agir, como fica explícito na primeira narrativa; mas também de maneira indireta, nessa segunda, quando narra que os pais diziam que a camisa rosa não ficava bem, insinuando que a camisa rosa era algo de ‘bicha’.

Sobre a palavra ‘bicha’, Fry e MacRae (1991) dizem que, no Brasil, ‘bicha’ é um termo utilizado para denominar meninos que apresentam modos de se comportar que são culturalmente mais associados às meninas e à feminilidade, ou seja, ao que é compreendido como uma atitude feminina. Assim,

Se presumirá que, como ‘mulherzinhas’, se sentirão atraídos por homens [...]. De ‘mariquinhas’ se transformam em ‘bichas’. A bicha [...] é um homem que tende a



desempenhar tarefas normalmente associadas às mulheres e que também prefere a companhia sexual de ‘homens de verdade’. [...] O menino é chamado de ‘bicha’ não simplesmente porque se supõe que ele goste de manter relações homossexuais, mas porque ele é ‘efeminado’ [...]. (FRY; MACRAE, 1991, p. 43)

A partir dessas considerações dos autores, é possível perceber como o termo ‘bicha’ é carregado de um sentido negativo, estereotipado, preconceituoso, sendo assimilado a alguém que ocupa uma posição ‘menor’ em relação ao ‘homem de verdade’, que ‘vive a masculinidade ideal’ ou esperada socialmente – a heteronormatividade.

Podemos pensar que, apesar de existirem múltiplos modos de ‘ser homem’, eles ainda são vistos em relação ao que se considera feminino. Então, o homem gay que se mostra no mundo de modo ao que é compreendido como feminino, assume uma posição aparentemente rebaixada em relação a um homem que possua mais atitudes da masculinidade hegemônica, seja ele heterossexual ou gay, exaltando e reproduzindo atitudes do ‘homem ideal’.

## 4.2 Modos de ser homem gay

Fávero (2010) destaca que, ao propormos a existência de múltiplas formas de construção do ser homem (reveladas em diversas masculinidades), podemos pensar também nas diversas possibilidades que um homem gay pode ter diante dessas construções. Possibilidades essas que podem ser distintas da masculinidade hegemônica tradicional. No entanto, a autora aponta que vários estudos indicam que “há homossexuais que não se percebem de modo algum como femininos e que valorizam a masculinidade tradicional. Para esses, a importância da masculinidade é particularmente evidente nas relações interpessoais e tratam as características femininas como indesejáveis”. (FÁVERO, 2010, p. 296)

A partir disso, refletimos como, apesar de existirem diversos modos de ser homem, os homens gays ainda estão numa posição em que podem não ser vistos como ‘homens de verdade’. Por estarem num lugar de não-heterossexualidade, é possível questionar o modo compreendido como ideal para ser homem. Porém, como a autora afirma, muitos homens gays valorizam e buscam agir de forma condizente com o que é entendido como masculinidade hegemônica e tentam se afastar do que é tomado como feminino.

Partindo dessas reflexões, desvela-se a compreensão de que, apesar de muitas vezes serem vistos como ‘bichas’, os homens gays não necessariamente estão à vontade em se mostrarem de forma ‘afeminada’ ou de forma a irem de encontro ao padrão estabelecido de



masculinidade. A narrativa abaixo expressa o que aconteceu após revelar sobre sua orientação sexual a sua mãe, indicando, minimamente, certo ‘esconderijo’:

Quando eu me assumi *pra* minha mãe, minha mãe me pediu pra eu não levantar bandeiras. Para eu não me assumir *pra* sociedade porque, segundo ela... eu não tinha essa obrigação de dar satisfação às pessoas, sabe? E aí, eu entendo um pouco ela porque eu sei que isso é uma forma de proteger, me proteger das pessoas... Me proteger do preconceito que eu posso sofrer, me proteger de possíveis agressões que a gente sabe que ocorrem todos os dias contra todo tipo de pessoa LGBT. Só que, ao mesmo tempo, era uma forma de me prender, ainda, dentro do armário, sabe? Era como se eu tivesse acabado de sair do armário, mas eu ainda tivesse que tá lá dentro. Praticamente todo o meu tempo. E aí, ela me pediu para não me expor *pras* pessoas. Para tentar ser o mais discreto possível. (BICHAS..., 2016)

A partir do depoimento e do que os autores acima comentam, começamos a entender que muitos homens gays ‘decidem ser discretos’. Sobre o ‘gay discreto’, Lopes (2011, p. 177) aponta que é um modo de ser gay que se torna mais digno de “visibilidade e aceitação social”, pois apresenta “uma conduta corporal e um comportamento social masculinizado”. (p. 178) Compreende-se, então, que ‘ser discreto’, se revela, também, como um dos modos de ser homem gay.

Diante disso, assim como existem vários modos de ser homem, existem vários modos de ser homem gay: nas masculinidades coexistem também as homossexualidades. Assim como existem modelos de homens heterossexuais mais valorizados enquanto outros são desprezados (PINHO, 2005), também existem modos de ser gay mais aceitos socialmente que outros, a exemplo do ‘gay discreto’.

Retomamos ao início deste trabalho, quando olhamos para dois principais estereótipos de homens gays – o gay afeminado (a ‘bicha’) e o gay discreto – e encontramos uma narrativa no documentário que diz:

‘Bichas’ são pessoas transgressoras. É aquela que tá indo contra o padrão, tá indo contra a maré. Tipo... Existe o padrão hétero. Que é o certo, é o que a sociedade vai aceitar, e você tem que ser isso daí. Tá lá na Bíblia e tipo, quem não segue isso daí tem que morrer e ir pro inferno. [...] Aí abaixo disso tem o ‘padrão gay’, que é o padrão heteronormativo, e o padrão ‘bicha’, certo? O heteronormativo é o ‘gay hétero’. Tipo, ele tá vestido como hétero, se porta como hétero, se esconde como hétero, se diz ‘discreto’ como hétero... E as ‘bichas’ são tudo contra isso! (BICHAS..., 2016)

O modelo heteronormativo, que pode ser tomado pelo gay discreto, é colocado por outro participante como uma ‘maré’, que pode ser compreendida como um movimento que carrega a algum lugar, podendo ser limitante da liberdade em escolher ir ou não junto. Miskolci (2015),



em um estudo sobre o recente movimento de visibilidade das homossexualidades, promovida pela popularização de aplicativos de relacionamentos online, aponta para uma ‘aceitação seletiva’ em relação ao homem gay, envolvendo uma

[...] eleição de uma forma ‘correta’ de se tornar visível vinculada diretamente à circulação de imagens midiáticas e também uma cisão interna às homossexualidades, na qual algumas passaram a ser mais reconhecidas, visíveis e se tornaram modelares enquanto outras foram mantidas ou relegadas ao repreensível mesmo não sendo necessariamente invisibilizadas. (MISKOLCI, 2015, p. 68)

A partir da articulação entre a narrativa e as reflexões de Miskolci (2015), é possível refletir como o modelo do ‘gay discreto’, nomeado pelo participante como ‘gay hétero’, é ainda valorizado e tido como forma mais aceitável para ser gay. No depoimento se compreende que existe o ‘padrão hétero’, e abaixo disso o ‘padrão gay’, que se ‘divide’ em ‘padrão heteronormativo’ e ‘padrão bicha’. Essa ‘divisão’ aponta também para o fato de que existem modos de ser gay mais aceitáveis que outros, embora todos tenham alguma forma de visibilidade (seja para ser aceita ou repreendida).

A partir da narrativa e da ideia de gays ‘discretos’ e ‘bichas’, compreende-se que os gays ‘discretos’ tendem a ter uma maior aceitação social e uma visibilidade mais ‘respeitada’ em relação à ‘bicha’. Aos meninos e homens que se mostram como ‘bichas’, existe uma tendência à repressão, ao estereótipo, ao preconceito, como já falado.

### 4.3 Sendo ‘bicha’

Nesse ponto, importa destacar o motivo da utilização do termo ‘sendo’ como título da seção. Segundo Melo (2019), a fenomenologia preocupa-se com uma perspectiva pós-metafísica que entende que o ‘ser das coisas’ e o ‘ser dos homens’ aparecem implicados na coexistência, que acontece via existência coletiva. Assim, “compreendemos que o humano só é *sendo*, realizando sua tarefa de existir-no-mundo-com-outros”. (MELO, 2019, p. 199) Aqui reside uma visão heideggeriana de mundo-homem na qual o humano se mostra como possibilidade, como projeto lançado, como poder-ser, como sendo-no-mundo-com-outros.

Nesse ínterim, o caráter da existência implicada e realizada pela *acontecência* do ‘ser sendo bicha’, denota uma conotação: um aspecto que chama atenção a partir do reconhecimento desses homens como ‘bichas’, é a explicitação da conotação negativa que esse termo tem em nossa sociedade, pois “[...] pras pessoas, a ‘bicha’ é aquela coisa caricata, que a gente tem que





rir delas, e esculhambar mesmo, e achar que ela não é pessoa. Você não ri com ela, você ri dela. Ela não deve ser respeitada, ela não deve ser amada”. (BICHAS..., 2016)

O depoimento se desvela de forma bastante dolorosa. O olhar negativo sobre a ‘bicha’ se mostra algo ‘comum’ e naturalizado, uma vez que o participante se inclui ao dizer que “a gente tem que rir dela”, torná-la uma piada. Sobre a piada, Fonseca (1994, p. 54) diz que pode ter “por finalidade difundir preconceitos, [...] bem como consolidar, de diversas formas, a discriminação e marginalização social. Assim, elas visam ridicularizar e, por vezes, transformar em objeto risível aqueles que são os protagonistas centrais de sua mensagem”.

Compreende-se que a piada e a brincadeira ‘risível’ também têm função de perpetuar e intensificar um preconceito em relação a ser ‘bicha’. Outra narrativa nos ajuda a compreender esse movimento de transformar um modo de próprio ser em algo risível:

Queriam me zoar<sup>6</sup>, me xingar, de ‘bicha’, de ‘gay’, de ‘veado’, do que fosse! E eu não queria aqueles adjetivos relacionados a mim. Então, eu passei a odiar o que aquilo era, entendeu? Eu passei a odiar o que a ‘bicha’ era. O que o ‘veado’ era. Porque o que eles eram só fazia com que existisse uma coisa pras pessoas me zoarem, entendeu? A palavra machucava, [...] e ela não só me machucava naquele momento como ela reforçava o meu pensamento de não querer ser ‘bicha’. (BICHAS..., 2016)

O narrador aparece como aquele que é reconhecido pelos outros como ‘bicha’, ‘gay’ e ‘veado’. Compreendemos que o ódio a que ele se refere diz respeito ao sentido emergido nessas palavras que lhe eram direcionadas. Ser chamado de ‘bicha’ passou, então, a machucá-lo, “a palavra machucava”, o sentido que ele percebia nela o machucava. A dor associada ao ouvir algumas palavras aparece, também, noutro depoimento:

[...] todos os apelidos possíveis [...] Tinha desde ‘orgayzinho’, até, sei lá, “oh lá a bichinha passando”. Era péssimo porque eu tava lá vivendo minha vida normal, de boa... E o povo ficava gritando isso pra mim. Eu ficava sem entender. Mas eu sentia aquela maldade por trás da palavra, sabe? Quando o povo falava isso pra mim eu só me sentia mal e ficava confuso. (BICHAS..., 2016)

Começamos a compreender como a palavra do outro, carregada de um sentido negativo, preconceituoso e humilhante, tem um forte impacto no modo de olharmos para nós mesmos, de nos reconhecermos. Porém, o sentido negativo do ‘ser reconhecido como bicha’, aparece tanto na fala como na atitude:

E todos os meninos mais velhos jogaram lixo em mim. Tipo, pegavam lixo assim e jogavam. Podia ser qualquer coisa. E tipo, eu tava dançando Shakira. Só isso: eu só tava dançando! Eu não tava ofendendo ninguém, não tava apontando pra ninguém. Mas eles queriam me xingar e jogar lixo o tempo todo. Eu entendia porque era, né? Porque eu não sou otária. Porque era uma ‘bicha’ em cima de um batentezinho, rebolando minha

<sup>6</sup> “Zoar” é uma gíria que tem o sentido de brincar, tirar sarro de algo ou alguém, debochar, bagunçar.



bunda... E fazendo a coreografia da Shakira assim... Como é que você fica depois disso? Isso machuca. (BICHAS..., 2016)

O narrador revela compreender o sentido de sofrer a violência pelos outros garotos: por ter se mostrado como ‘bicha’. Sobre esse mostrar-se, Santos e Bernardes (2008, p. 292-293) dizem que “em meio à preocupação com um senso de inadequação pessoal, gays e lésbicas se sentem forçados a fazer uma escolha: autoafirmação (com o risco da rejeição pessoal, do isolamento social) ou autoanulação (manutenção do segredo, conformismo à sociedade)”.

A partir do exposto pelas autoras, parece que, independentemente do modo que o homem gay se mostre (se autoafirmando ou se *autoanulando*), existirá algum risco. Por outro lado, nas narrativas, também, o se reconhecer ‘bicha’ revela-se como algo significativo e que possibilita uma união e fortalecimento com outros membros da comunidade gay:

[...] a palavra ‘bicha’ sempre foi muito pesada, né? E aí eu precisava ressignificar aquilo. E que eu acho que muitos gays fazem isso hoje em dia. Muitas ‘bichas’ fazem isso. Se chamam de ‘bicha’ uma com a outra, e falam isso alto pra todo mundo ouvir. Porque é uma forma de a gente se fortalecer. E de a gente dizer assim: ‘A gente é bicha mesmo!’, sabe? (BICHAS..., 2016)

Esse movimento de fortalecimento a partir do assumir-se e reconhecer-se ‘bicha’ também aparece na narrativa abaixo:

O ‘bicha’ já foi difícil pra mim. Teve momentos que o ‘bicha’ foi pesadíssimo, porque era isso que eu escutava como apontamento de coisa ruim. Depois que eu me assumi, depois que eu comecei a dizer assim: ‘Porra, sou bicha. Tipo, todo mundo tá me chamando de bicha mesmo. Porra, sou bicha’. Tá ligado? E vai ser isso mesmo. Vai ser isso que eu sou. E eu sempre vou ser ‘bicha’. Eu vou morrer ‘bicha’, querida. Todo dia mais ‘bicha’. Todo dia é um ‘level’ a mais. Igual a *Pokémon*. (BICHAS..., 2016)

Mas há, também, outro modo de encarar o ‘bicha’ de outra forma:

Hoje eu coloco essa minha ‘bichice’ num formato de troféu, entendeu? E ando com ela assim, de lado. Ou então quando eu tô com minhas amigas a gente anda de mão dada na rua. Porque isso causa um desconforto tão grande nos olhos das pessoas...E esse desconforto faz uma diferença do caramba, entendeu? As pessoas precisam começar a falar sobre ‘bicha’. A gente tem que começar a falar sobre ‘bicha’. [...] E já que é pra ter ‘bicha’, vamos fazer as bichas. Vamos ser as bichas na rua, vamos botar ‘bicha’ na escola, tem que ter ‘bicha’ no trabalho. Tem que ser ‘bicha’ em todo lugar! (BICHAS..., 2016)



Inicialmente, o narrador coloca esse modo de ser ‘bicha’ ‘de lado’, como um troféu. Ao que parece, há um titubeio em assumir-se ‘bicha’ – ele coloca como algo que está junto, mas não se apropria. Em seguida, outro sentido se revela a esse ‘ser bicha’, uma apropriação do ‘ser bicha em todo lugar’, utilizando esse ‘troféu’ para causar um ‘desconforto’ nos outros. A partir da narrativa, compreendemos que ele encara esse desconforto alheio como necessário para que haja uma visibilidade da ‘bicha’ como um dos modos de existir com outros, e que essa maneira seja vista para além de um modo de ser gay marginalizado, estereotipado e de ‘menor valia’.

Nessa direção, o sentido enveredado em torno destas narrativas colhidas no documentário nos possibilita transitar pelos diversos modos de ser ‘bicha’, ainda que outros modos existentes não tenham aparecido. Os depoimentos revelaram, por vezes, o distanciamento da ‘bicha’ em torno de outras atestações de gênero ou orientação sexual que compreendem a sociedade normativa vigente. No entanto, essa disposição e identificação com masculinidades outras revelam também que a piada (ou motivo dela) existe (e, por vezes, resiste) tentando apagar a existência da própria ‘bicha’.

## 5. Um olhar para o sentido revelado... o que a psicologia tem a ver com isso?

A primeira compreensão nesta pesquisa, diz respeito a uma cobrança e a um movimento da ‘maré’, termo utilizado por um dos narradores quando diz que a ‘bicha’ é uma pessoa que vai ‘contra a maré’. Nessa direção, ressaltamos que, a partir de agora, passamos a usar o termo bicha sem as aspas, por compreender que ser bicha é um modo de ser do homem, ou um modo possível de masculinidade; por outro lado, a ‘maré’ passa a ser compreendida como algo que ‘arrasta’ os meninos em direção ao que é comumente visto como modo ideal de ser homem. Através das narrativas, compreendemos que os participantes revelam que desde pequenos eram levados, direta e indiretamente, a acreditar que seus modos de ser-no-mundo eram ‘inadequados’. Qualquer movimento contrário a essa ‘força da maré’ era repreendido, como mostrado em alguns depoimentos.

Diante disso, uma compreensão de sentido que temos a respeito do ‘ser homem, sendo gay’, do crescer sendo gay, é uma experiência que ‘machuca’, principalmente quando não se consegue ‘nadar’ junto, acompanhando a ‘maré’, que também surge aliada a uma discriminação dos modos de ser que não estão de acordo com o esperado pelas famílias e outras instituições sociais.



Também se revela como sentido de ser homem gay, o ‘resistir’. Não acompanhar a ‘maré’ é apontado como um movimento de resistência. Há no documentário várias narrativas sobre como é importante se mostrar no mundo como bicha, assumir a atitude de ‘sair do armário’ apesar dos risos e discriminação que essa forma de ser ainda provoque nos outros. Compreendemos isso como um resistir à onda que bate forte, resistir à maré que tenta arrastar em direção a um ideal de homem. O incômodo provocado nos outros, por ser bicha, é revelado por alguns participantes como sendo algo necessário para uma visibilidade e transgressão ao engessamento do modo que comumente se enxerga o ‘ser homem’.

Sendo assim, compreendemos que ser homem, para o gay, é resistir. O modo de ser ‘gay discreto’, desvelado a partir da literatura e das narrativas, também pode ser compreendida como uma forma de resistência? Apesar de, muitas vezes, serem apontados como seguidores da ‘maré’, também estão fora de um modelo tomado como ideal, e não se encontram, necessariamente, ‘dentro do armário’, tornando-se vulneráveis a sofrer pelos seus modos de ser, e mesmo assim, resistem.

Outra reflexão possível é: ser comparado a uma menina ou mulher é doloroso para o homem? Nossa sociedade atribui papéis a gêneros e diz que há coisas de menina e coisas de menino, revelando uma forma dicotômica de ver e viver os modos de ser homem ou ser mulher. Nas narrativas, compreendemos esse binarismo não sendo suficiente para acompanhar o sentido que os homens atribuem a sua vivência enquanto homens. Então, pensar em masculinidades é, também, pensar no modo como o ‘feminino’ está sendo visto em nossa sociedade. Se a um menino ‘afeminado’ é colocado um lugar de ‘menor valia’, podemos pensar ser esse o olhar que está sendo dado ao que é ‘feminino’.

Diante desse cenário, passamos a refletir o papel/lugar do profissional de psicologia frente às demandas que emergem dessa ‘maré’ que nos vem sendo mostrada a partir das narrativas presentes no documentário. Para isso, resgatamos uma narrativa sobre a experiência de ter sido levado à psicoterapia por apresentar atitudes compreendidas, por sua mãe, como ‘afeminadas’, e pelo andamento dado pela profissional, tentando fazê-lo aprender a ser homem heteronormativo, bem como fazendo acordos com a família para vigiá-lo e cerceá-lo de se mostrar no seu modo próprio de ser. Isso nos remete à ‘maré’ da chamada ‘cura gay’ – nome associado ao Projeto de Lei 4931/2016 (BRASIL, 2016), apresentado na Câmara dos Deputados, e que pretende proibir a punição do profissional de saúde mental que prometa tratamentos para ‘modificação’ da orientação sexual. Isso permite questionar: que tipo de visibilidade está sendo dada a toda produção científica e esforços dos profissionais de saúde mental em não patologizar a homossexualidade? Ao que parece, proposições como essa, que falam sobre a possibilidade de



uma ‘cura gay’ por intermédio da psicologia, colocam-na num lugar de ‘salvação’, mantendo uma ideia de normalidade e colocando o profissional de psicologia como alguém capaz de ‘ajustar’ quem não se enquadra nela. Mas, a experiência humana da vida é, originariamente, a experiência da fluidez constante, da mutabilidade, da inospitalidade do mundo, da liberdade; a segurança não está em parte alguma. E isto não é uma deficiência do existir como homens, mas sua condição. (CRITELLI, 2007, p. 19)

É nesse contexto que o psicólogo deve intervir: acompanhando e escutando o outro nessa experiência do existir. Fomos tocados pela narrativa acima, também, no que diz respeito às questões éticas presentes no Código de Ética Profissional (CFP, 2005), sendo viável destacar a Resolução nº 001/1999, que estabelece o posicionamento do Conselho Federal de Psicologia a respeito da práxis profissional em relação à orientação sexual. Em seu artigo 3º, é posto que “os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados”. (CFP, 1999, p. 2)

Compreendemos que a necessidade de haver uma resolução como essa vigente, aponta para uma dificuldade que nós, profissionais de psicologia, ainda parecemos ter em relação a olhar para o outro e para sua singularidade, atitude que veio embebida desde o surgimento desta disciplina como uma profissão no Brasil. Nas entrelinhas, é possível perceber a dificuldade da sociedade em compreender o trabalho do psicólogo, sendo necessário um contínuo esclarecimento social em relação ao papel de nossa profissão. Será que o não-saber da população revela esse embate entre os próprios psicólogos?

Os depoimentos também indicam que os profissionais de psicologia precisam estar atentos à intervenção com famílias. Será que a formação de psicólogo em nosso país está olhando aos diversos modos de ser família, ou ainda está voltada para olhar o humano dentro de uma constituição familiar branca, nuclear, burguesa e heteronormativa?

Estar diante dessas questões em torno da psicologia, torna possível pensar sobre o posicionamento ético-político tanto desses homens gays, como da própria psicologia. Quanto a ser homem gay, Santos (2016, p. 140) afirma que: “[...] o levar algo adiante se reveste de uma ação ético-política ao imprimir o olhar e o mover-se num outro/novo modo de se posicionar/mostrar no mundo com-outros”, ou seja, resistir ‘contra a maré’ poderia ser lido como uma atitude ético-política de mover-se no mundo com seu modo singular de ser. Vale assinalar que no livro *Ser e tempo* (2012), Heidegger anuncia um modo de compreender o humano sendo sempre com-outros, ou seja, rompe-se com a visão de uma subjetividade interior, de um mundo exterior, de dentro e fora, e lança o olhar de que ser humano é ser-com-outros-no-mundo, é co-



existir. Comungando desse olhar e reafirmando a marca pulsante do ser-no-mundo-com-outros na ação ético-política, Duarte (2011, p. 124) apresenta que “[...] a política seria, antes de toda serventia social, o que permite ao sentido deixar de ser privado para se tornar comunicável entre nós”.

Nessa mesma direção, em relação à psicologia, Santos (2016, p. 146) afirma que numa ação clínica,

[...] a política não é usada como instrumento para alcançar fins alheios a ela mesma ou a alguns objetivos. [...] posso olhar o sentido da política a partir de sua condição de possibilitar que no ‘estar entre homens’ a pluralidade seja evidenciada e a inauguração de algo novo aconteça. [...] Tal publicização diz de uma ação ético-política, uma vez que implica a realização de uma possibilidade do modo de ser da convivência. Nesse sentido, a ação clínica [...] aponta a direção de compromissos éticos expressos entre homens.

Acreditamos que seja compromisso da psicologia, enquanto ciência e profissão, lançar um olhar compreensivo sobre as questões que emergem relacionadas a gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e tantos outros modos de viver gênero e sexualidades que emergem todos os dias em nossas comunidades, famílias e locais de práxis profissional. É preciso estarmos atentos ao nosso olhar para os diversos modos de ser humano, bem como termos em nossas práxis o cuidado de não patologizar modos ‘não comuns’ ou ‘não esperados’ de ser. Além disso, é preciso olhar para a nossa disposição de acompanhar o outro, tanto na apropriação do cuidado de si, quanto na apropriação das possibilidades de mostrar sua singularidade.

Esse trabalho possibilita pensar sobre os diversos modos de ser quem somos como humanos. Possibilita compreendermos, também, que em diversas situações em nossos cotidianos podemos nos remeter e nos juntarmos aos narradores, resistindo a nossas próprias ‘marés’, tentando permanecer de pé no vai e vem das ondas, mesmo que ainda possamos estar machucados.

---

## Referências

BARRETO, C. L. B. T. Reflexões para pensar a ação clínica a partir do pensamento de Heidegger: da ontologia fundamental à questão da técnica. In: BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P.; ALDAS, M. T. (org.). *Prática psicológica na perspectiva fenomenológica existencial*. Curitiba: Juruá, 2013. p. 27-50.



BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p.197-221.

BICHAS, o documentário. Direção e produção: Marlon Parente. Documentário (39 min). Recife, 2016. Disponível em: <https://bityli.com/ru9vj>. Acesso em: 1 abr. 2019.

BRASIL. Projeto de Lei nº 4931 de 2016, dispõe sobre o direito à modificação da orientação sexual em atenção à dignidade humana. *Câmara dos Deputados*, 2016. Disponível em: <https://bityli.com/Q8XW0>. Acesso em: 3 jul. 2017.

BRUNS, M. A. T.; TRINDADE, E. Metodologia fenomenológica: a contribuição da ontologia-hermenêutica de Martin Heidegger. In: BRUNS, M. A. T.; OLANDA, A. F. (org.). *Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas*. 2. ed. São Paulo: Ômega, 2005. p. 67-82.

BUSTOS, D. M. *Manual para um homem perdido*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CABRAL, B. E.; MORATO, H. T. P. A questão de pesquisa como bússola: notas sobre o processo de produção de conhecimento em uma perspectiva fenomenológica existencial. In: BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P.; ALDAS, M. T. *Prática psicológica na perspectiva fenomenológica*. Curitiba: Juruá, 2013. p. 159-181.

CECCHETTO, F. R. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

CFP – Conselho Federal de Psicologia. Código de Ética Profissional do Psicólogo. In: PLENÁRIO DO CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA BRASÍLIA, 13., Brasília, DF. *Anais [...]*. Brasília, DF: CFP, 2005. Disponível em: <https://bityli.com/FLQtT>. Acesso em: 1 abr. 2019.

CFP – Conselho Federal de Psicologia. *Resolução CFP nº 001/99, de 22 de março de 1999: estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual*. Brasília, DF: CFP, 1999. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf). Acesso em: 1 abr 2019.

CRITELLI, D. M. *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. 2. ed. São Paulo: Educ, 2007.

DUARTE, P. O sentido político da arte hoje. *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 123-136, 2011. Disponível em: <https://bityli.com/avroa>. Acesso em: 26 fev. 2020.

DUTRA, E. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. In: *ESTUDOS DE PSICOLOGIA*. Natal/RN, v. 7, n.º2, p.º371-378, 2002.





Disponível em: <https://tinyurl.com/nz363jyy>. Acesso em: 23 de abril de 2017.

FÁVERO, M. H. Gênero, corpo e sexualidade. In: FÁVERO, M. H. *Psicologia do gênero: psicobiografia, sociocultural e transformações*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010. p. 205-318.

FEIJOO, A. M. L. C. de. A psicoterapia numa perspectiva fenomenológico-existencial. In: ANGERAMI-CAMON, V. A. (org.). *Psicoterapia fenomenológico-existencial*. São Paulo: Cengage Learning, 2015. p. 131-158.

FERNANDES, R. M. A importância de ser “ másculo”: subjetividades gays e dominação masculina. In: FAZENDO GÊNERO: DESAFIOS ATUAIS DO FEMINISMO, 10., 2013, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2013. n.p. Disponível em: <https://bityli.com/cgJ44>. Acesso em: 1 abr. 2019.

FRY, P.; MACRAE, E. Mulheres, homens, berdaches, bichas e sapatos. In: FRY, P.; MACRAE, E. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 33-59.

GOMES, R. *Sexualidade masculina, gênero e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

GROSSI, M. P. Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em primeira mão*, Florianópolis, v. 75, n. 1, p. 1-37, 2004. Disponível em: <https://bityli.com/NgyTE>. Acesso em: 1 abr. 2019.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

JESUS, J. G. de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília: Autor, 2012. Disponível em: <https://bityli.com/eULe8>. Acesso em: 1 abr. 2017.

LOPES, C. R. R. Masculinidade em Rose: gays efeminados/homens discretos. *Métis*, Caxias do Sul, v. 10, n. 20, p. 165-184, 2011. Disponível em: <https://bityli.com/1cuur>. Acesso em: 1 abr. 2019.

MACHADO, L. Z. Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, p. 231-273, 1998. Disponível em: <https://bityli.com/9Bq8B>. Acesso em: 1 abr. 2019.

MELO, J. B. “*Afasta de mim esse cale-se*”: narrativas de corporalidades travestis e trans para uma ação clínica e política em psicologia. 2019. 232 p. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MINAYO, M. C. S. Desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 9-29.

OLIVEIRA, P. P. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.



PINHO, O. A. Etnografias do Brau: corpo, masculinidade e raça na reafrikanização em Salvador. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 127-145, 2005. Disponível em: <https://bityli.com/jJpXV>. Acesso em: 1 abr. 2019.

SÁ-SILVA, J.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. In: *REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA & CIÊNCIAS SOCIAIS*. v.º1, n.º1, p.º01-15, julho de 2009. Disponível em: <https://bityli.com/tCnDt>. Acesso em 19 de maio de 2017.

SANTOS, J. P. dos; BERNARDES, N. M. G. Percepção social da homossexualidade na perspectiva de gays e lésbicas. In: ZANELLA, A. et al. (Org.). *Psicologia e práticas sociais*. [online] Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: <https://bityli.com/BuIjw>. Acesso em: 20 de junho de 2017.

SANTOS, S. E. B. “Olha!... Arru(a)ção!?!...” – A ação clínica no viver cotidiano: conversação com a fenomenologia existencial. 2016. 221 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2016.

SILVA, E. F. G.; SANTOS, S. E. B. Fenomenologia existencial como caminho para pesquisa qualitativa em Psicologia. *Revista Nufen*, Belém, v. 9, n. 3, p. 110-126, 2017. Disponível em: <https://bityli.com/5FPPhr>. Acesso em: 16 fev. 2020.

SILVA, M. M. de L. et al. Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. In: *TEMAS EM PSICOLOGIA*. °Ribeirão Preto, v.º23, n.º3, p.677-692, set. 2015. Disponível em: <https://tinyurl.com/2kcyd7dk>. Acesso em 20 de junho de 2017.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001. Disponível em: <https://bityli.com/6lClo>. Acesso em: 1 abr. 2019.

